

Kissinger teme confrontação dos EUA com devedores

WASHINGTON — A dívida externa latino-americana pode levar os Estados Unidos a uma confrontação política com os países deste continente, além de provocar a deterioração de suas relações com a Europa e a Ásia, afirmou ontem o ex-Secretário de Estado Henry Kissinger.

Em artigo publicado simultaneamente no Los Angeles Times, da Califórnia, e no The Sun, de Washington, Kissinger adverte para os problemas que podem advir de uma abordagem estritamente econômica, e não política, do problema da dívida externa. "De uma forma ou de outra, as democracias industriais terão, a partir de agora, que reconhecer os dois enfoques para a questão" — diz Kissinger.

Em sua análise, Kissinger acrescenta que os países em desenvolvimento chegaram a uma situação "politicamente insustentável", transformando-se em exportadores de capital, ao terem que pedir mais empréstimos para pagar os juros de suas dívidas. Ele pediu a criação de uma comissão internacional que determine novos prazos de pagamento "realistas".

"Este ano" — recorda Kissinger — "os países latino-americanos pagarão de juros US\$ 20 bilhões a mais do que receberam em seus empréstimos líquidos — US\$ 300 bilhões. Segundo o ex-Secretário, somente o pagamento desses juros consumia, no final de 1983, mais de 40 por cento do total da renda obtida com as exportações dos principais países devedores.



res da América Latina: Brasil, México, Argentina, Venezuela, Chile, Peru e Colômbia.

A solução de austeridade econômica, preconizada pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), prossegue Kissinger, para esses países pode funcionar em casos individuais "mas é contraproducente quando os pacientes são um grupo e a doença dura quase uma década".

O aumento das rendas dos países latino-americanos poderia não ser suficiente para enfrentar a crise das contas externas, alerta o ex-Secretário: "entre 1981 e 1983, a América Latina reduziu suas importações em US\$ 33,2 bilhões de dólares, equivalente a 41% do total. Aumentou suas exportações, é verdade, mas o produto deste aumento não coube os novos recursos exigidos para o pagamento de suas dívi-

das, devido ao extraordinário fenômeno dos devedores pedirem mais dinheiro aos bancos apenas para pagamento de juros a essas mesmas instituições".

O ex-Secretário lembra, no caso específico do Brasil, que três presidenciáveis já pediram a politização da questão da dívida externa. Sobre o caso da Argentina, Kissinger diz que o Presidente Raúl Alfonsín "equipara a intensificação da austeridade com o suicídio econômico".

Kissinger acha que os países industrializados devem moderar o protecionismo, trabalhar pela diminuição das taxas de juros internacionais e reconhecer suas responsabilidades na crise mundial de endividamento externo.

“ Os países da América Latina não podem, simultaneamente, pagar sua dívida externa, conseguir um crescimento econômico e manter a estabilidade política e social. ”

HENRY KISSINGER